

Redacção e administração
R. de S. Martinho
AVEIRO

POVO DE AVEIRO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO,
EDITOR, Manuel Homem Christo

SEMENARIO REPUBLICANO

Numero 283

Assignaturas

AVEIRO—Um anno, 15200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 15300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 25500. Semestre, 15500 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações

No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anúncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os srs. assignantes tem desconto de 30 por cento.

NUMERO AVULSO, 30 REIS

3.º Anno

O ESPIRITO DEMOCRATICO

O estado do exercito francez era deploravel. A França via-se perfeitamente á mercê do estrangeiro, sem nenhum recurso de defeza. Uma desordem geral. Uma desorganisação completa.

Os ministros da guerra, impotentes, succediam-se uns após outros. Atraz de Narbonne, Grave; atraz de Grave, Servan; depois Dumouriez; depois Lajard; depois Abancourt.

Dumouriez é ministro durante tres dias. Grave tem a cabeça perdida de tal fórma que assigna *maire de Paris*, em vez de assignar *ministro da guerra*. Lajard escreve a Luckner que os acontecimentos do interior reclamam imperiosamente toda a sua attenção e todo o seu tempo e retira-se no fim d'um mez declarando que falta á França a força mais poderosa, a união das vontades, e que a anarchia ameaça engulir tudo. Abancourt não sabe qual é o limite dos commandos de Lafayette e de Luckner; ignora os movimentos das tropas; desconhece o que se passa n'um exercito que está a sessenta leguas de Paris. Dir-se-hia, exclamava elle com tristeza, que se trata da marcha d'um exercito inimigo!

O territorio está aberto á invasão. Conta-se antecipadamente com a derrota. Chalons é escolhido como ponto onde se possam reunir os restos d'um exercito destruido. A maior parte das praças de guerra, diz publicamente Dumouriez, estão desmanteladas. Seriam precisos, assegurava Bouillé n'uma nota confidencial, dez a doze milhões e pelo menos seis mezes para pôr a fronteira em estado de defeza desde Huningue até Givet.

Em vão as municipalidades, os generaes Luckner, Broglie, Kellermann, advertem o ministro de que o estado das fortalezas da Lorena, e mesmo de Metz, inspira a maior inquietação. As obras começavam, mas eram logo interrompidas, ou caminhavam com extrema lentidão, por não haver dinheiro para ellas.

A Alsacia assegurava á *Assembléa* que seria sempre o baluarte da França; mas as suas praças, mesmo as mais importantes, estavam desprovidas de tudo e com fortificações insufficientissimas.

A mesma penuria, a mesma insufficiencia nas tropas de linha. Foi preciso recorrer aos voluntarios, que affluiram em grande quantidade. Muitos fardaram-se e armaram-se á sua custa. Algumas cidades armaram-nos e equiparam-nos com os fundos

municipaes. Mas a maioria d'elles não tinham que vestir nem que calçar. O 1.º batalhão do Drome só tinha vinte e cinco uniformes. De fórma que dos 169 batalhões da primeira leva só 83 se organisaram a tempo de marchar para as praças fortes e para a fronteira.

A *Assembléa* declarou então a *patria em perigo*. Ordenou a criação de mais 42 batalhões de voluntarios. Desceu de 18 para 16 annos o limite minimo da idade requerida para o serviço militar. Decidiu que as localidades que fornecessem, além das levas decretadas, batalhões, companhias, ou mesmo simples esquadras, fossem consideradas benemeritas da patria. Auctorisou a formação de 54 companhias *francas*, de 200 homens cada uma, com uniformes de panno cinzento, *attendendo á carestia do panno verde*, e a formação de *legiões estrangeiras*, compostas de homens livres de todos os paizes. Assim se formou a legião italiana, a legião belga, a legião hollandeza, a legião prussiana e outras. Algumas foram muito notaveis, como a legião prussiana, por exemplo. Decretou ainda a formação de companhias de *caçadores voluntarios nacionaes*, com 150 homens cada uma, e de *legiões nacionaes*, que tomaram, geralmente, o nome dos generaes ou dos corpos de exercito a que pertenciam: legião do norte, legião do centro ou de Luckner, legião de Kellermann, legião do Rheno, legião do sul.

Além d'isso creou um corpo especial de voluntarios, com o nome de *federados*, que, em numero de 20:000, devia acampar ás portas de Paris, e que seria formado por cinco homens armados de cada cantão. Luiz XVI recusou, ao principio, sancionar este decreto. Depois resolveu-se, quando viu que a *Assembléa* estava resolvida a proceder sem a sua approvação. De facto, quando o rei sancionou o decreto já os *federados*, mesmo sem convocação legal, estavam em marcha sobre Paris, onde chegaram a tempo de fraternisar com os parisienses na festa do 14 de julho.

Outras medidas importantes tomou ainda a *Assembléa*, e assim conseguiu augmentar o numero dos soldados. Mas as nuções de bocea e de guerra? Mas as espingardas para tantos homens?

Quiz comprar quinhentas mil espingardas. Porem, perante o retrahimento dos fabricantes, que conheciam o estado miseravel das finanças, só poude obter alguns milhares.

Creou então uma nova fabrica de armas em Moulin; estimulou os operarios das fabricas do Es-

tado em Mauheuge, Charleville, Saint-Etienne, Tulle, offerecendo-lhes premios. Mas mesmo assim pouco conseguiram.

As cidades que armavam os voluntarios á sua custa eram infamemente enganadas pelos especuladores. De dez espingardas compfadas, só uma fazia fogo. Em algumas guarnições, os voluntarios tiveram de montar a guarda de pau ás costas.

N'estas circunstancias apertadas Carnot propôz o fabrico de trezentos mil piques, sustentando que os francezes tinham sempre vantagem na lucta á arma branca e que saberiam sempre manejar o pique, essa *arma de liberdade*, para deter a carga dos esquadrones prussianos. Um antigo coronel de dragões, Scott, escreveu um *Manual do cidadão armado de pique*. A *Assembléa* decidiu que fosse dado o pique a todos os cidadãos que não possuíssem uma arma de fogo, que as municipalidades fizessem fabricar piques de seis a dez pés de comprimento e que armassem com elles os cidadãos no praso d'um mez e mandou espalhar por toda a parte instrucções sobre o modo mais favoravel de dispôr um batalhão de fusileiros e piqueiros. Mas o que podiam os piques contra o canhão?

CAPITÃO LEITÃO

Morreu o capitão Leitão, o chefe da revolta militar de 31 de janeiro. Morreu esquecido. Morreu abandonado. E, comtudo, elle tinha soffrido muito mais pela causa republicana do que outros que o partido d'esse nome festeja, e aclama por esse paiz fóra. Como isto é triste! Como esta grande verdade compromette esse partido!

Sessões solemnes em honra d'uns, banquetes em honra d'outros, que embora pessoas respeitaveis e dignas de todo o applauso, nada tem perdido, antes alguns tem enriquecido com a causa republicana.

E para a pobre victima, sempre ludibriada, para o infeliz que perdeu posição, familia, tudo, nem uma palavra de consolação, de conforto, de applauso, de reconhecimento, enquanto vivo!

Ah! que é tremenda iniquidade! Iniquidade que deve acabar, para honra de nós todos. Ou o partido republicano é prodigo em applausos, em incitamentos, em consolações, para todos os que o merecem, se gosta das prodigalidades, ou é avaro d'isso tudo, para todos, também. Excepções odiosas não as ha de ter. Que nós, pelo menos, enquanto este braço tiver força para manejar uma penna, não lh'o consentiremos.

Ninguém mais do que o capitão Leitão tinha direito aos carinhos do partido republicano, do qual foi victima innocente. Sempre o affirmamos. Ainda hoje o affirmamos resolutamente. O capitão Leitão foi enganado, em 31 de janeiro. Confiou no que lhe disseram. E a maior parte do que lhe disseram era pura phantasia, quando não era

patranha propositada. O capitão Leitão, que não era homem para tamanhas emprezas, nunca esperou ser o commandante supremo das forças revoltadas. Sempre lhe falaram n'um chefe, e elle por esse chefe esperou até á ultima. O chefe não appareceu, e o capitão Leitão succumbiu deante de difficuldades para as quaes não tinha força. Succumbiu com elle o movimento. Ninguém tinha, por este facto, que lhe dirigir censuras. E elle tinha que censurar, justamente, aos chefes civis, a sua posição perdida e a sua reputação comprometida. A esses chefes civis, que nunca foram leaes nem verdadeiros com elle, nem com ninguém.

O capitão Leitão fez a unica coisa honrada que havia a esperar d'elle. Cumpriu a sua promessa, e cumpriu-a com o decore e a valentia d'um homem.

«Seja como fôr, não houve uma covardia nem uma deslealdade n'esse homem. Fizeram-se-lhe algumas injustiças. Todos viram e confessaram a firmeza e coragem do alferes Malheiro. Ninguém viu a coragem do capitão Leitão. Pois teve-a. Dominava-o a idéa fixa de não derramar sangue. Andou atraz dos soldados a recomendar-lhes que não fizessem fogo. Mas não os abandonou. Não voltou, por medo, as costas ao inimigo. Valeria pouco intellectualmente e os que valiam mais do que elle nem por isso o demonstraram. N'este ponto, a bitola foi a mesma. Mas teve qualidades moraes attendiveis e sympathicas.»

Assim escreviamos nós apoz os acontecimentos. Essa tem sido, até hoje, a nossa opinião.

O capitão Leitão procedeu honradamente. Em troca d'essa honradez, em troca dos sacrificios que elle fez, porque tudo perdeu, o infeliz, o partido republicano votou-o ao mais profundo esquecimento. As *coteries* nunca se lembraram d'elle, porque era humilde, e não as acompanhava nas suas especulações e nas suas intrigas. Os *réclames* são só para os amigos, e para os mimos da fortuna.

Ha pouco tempo, um amigo nosso forneceu-nos uma lista de nomes de individuos em circunstancias de poderem ser assignantes do *Povo de Aveiro*. A administração d'este jornal nem lêu a lista, nem, que a lêsse, conheceria a maior parte dos nomes que a constituíam. Mandou-lhes a gazeta, sem mais reparos nem estudos. Ora entre esses nomes estava o do capitão Leitão, que respondeu com esta carta:

«Farminhão, 25—10—1904.

Estou aqui com o fim de restabelecer a minha saúde e pouco tenho aproveitado. Viverei 6 mezes? Remetto o importe de 6 mezes.

Não costumo pedir a remessa de qualquer jornal, mas accetto a assignatura, sempre, dos que me enviam, se me conformo com as idéas n'elles reveladas.

Parece que v. ignorava o meu modo de pensar, visto que só agora me remette o seu jornal, que leio ha muito tempo, pois em tudo que expõe é como eu vejo as coisas, e como desejo se cumpram, mas, infelizmente, o nosso partido ainda não comprehendeu os seus deveres. E' muito d'aguas mornas, e para elle trigo e joto são eguaes.

Se eu tivesse sido informado lealmente do estado em que encontrei o partido republicano, creia v. que não teria abandonado um paiz hospitalario, como é o Brazil, ao qual só devo finezas d'alto valor, e offertas que eu nunca deveria ter regeitado, por isso que me davam independencia e bem estar.

O *Povo de Aveiro* devia publicar-se

mais vezes por semana. Perfeitamente d'accordo com o expendido nos n.ºs 1039 e 1070.

Aguardo as suas boas noticias e com toda a consideração me subscrevo

correlig.º certo e am.º

A. Amaral Leitão.»

Ainda aqui, como se vê, elle se queixava de não ter sido, mais uma vez, informado lealmente.

E, como se vê também, previa perfeitamente a sua morte n'um termo muito proximo. Viverei seis mezes? perguntava. Não chegou a viver tres!

E no fim da sua vida, vendo claramente, sem illusões a tal respeito, a morte a estender-lhe os braços, a sepultura aberta já, para o receber, deante de si, cheio de desgostos, de desillusões, de soffrimentos, era para nós que elle voltava os olhos tristes! Eramos nós que ainda lhe davamos a fé dos principios, o alento da idéa!

E' que elle bem sabia, como todos os militares—temos hoje as mãos cheias de documentos para o attestar—como todos os militares, que adheriam a um movimento que podendo ser decisivo degenerou n'uma triste aventura pela formidavel incapacidade de todos os civis que o dirigiram, é que elle bem sabia, desenganado enfim, que tinha sido a nossa voz a unica que se erguera lealmente pura, prevenindo o desastre, affirmar alto, e bem alto, a verdade.

A unica!

Seria bom que o partido republicano, que tanta ingratição demonstrou com o infeliz official que lhe sacrificou todo o seu futuro, perpetuasse ao menos agora a memoria do chefe militar da sua primeira jornada revolucionaria, n'um modesto monumento.

Oxalá que outro periodico tenha, ou haja tido quando estas linhas se publicarem, a mesma idéa. Já quasi que não lêmos a imprensa republicana. Não sabemos o que ella diz. Oxalá! D'outra fórma, é tal o odio que as *chafaricus* nos consagram, gazetas, magnates, etc., pelo crime de termos a audacia de pensar, e de exprimir com altivez e desassombro os nossos pensamentos! que bastará ter de nós partido a idéa d'essa divida de gratidão ao ex-capitão Leitão, que sera hoje vivo, talvez, e coronel do exercito, com vida folgada e descansada como os outros, se não tem adherido á causa republicana, que bastará ter de nós partido essa idéa para ella ter morrido á nascença.

No entanto, ahí fica.

Agente cada um com as responsabilidades que tiver.

Magalhães Lima

Como nós previamos tudo!
Como os factos nos vieram, como sempre, dar razão!

«Eis porque os republicanos locaes, diziamos no ultimo artigo, não tomaram a iniciativa do almoço, que se vae realizar.

Mas adheriram a elle, exactamente pela mesma razão porque o não iniciaram. Adheriram a elle para levantar o nome do sr. Magalhães Lima. Para o salvar d'um tremendo fiasco. Para evitar a gargalhada nacional, a gargalhada da parte intelligente, sensata, culta do paiz. Sem os republicanos, que, dedicadamente e habilmente, foram at-

tenuar essa vergonha, o sr. Magalhães Lima teria a consagração aos auctores da lei de 13 de fevereiro.

E teve!

Nós bem o sabíamos. A festa não era ao sr. Sebastião, mas ao sr. Jayme de Magalhães Lima. Não era uma festa democratica, mas uma festa reaccionaria. Não era em honra do paladino das liberdades populares, mas em honra do dictador brutal, do dictador feroz, que commettera actos de tanta importância (no dizer dos chefes dos francaceos de Aveiro) que constituem uma revolução politica tão grande e profunda como aquellas que no nosso paiz se fizeram com as armas na mão.

Sebastião de Magalhães Lima era um pretexto.

Expediente indigno, miseravel, indecente? Ninguém o nega. Mas quando empregaram os francaceos d'Aveiro expedientes sérios?

Só um grupo de quadrilheiros da peor especie, de ciganos, como esses que teem sido, e continuam sendo, a ignominia d'esta terra, teriam a desvergonha, a baixeza, o impudor, de aproveitar o nome do proprio irmão do chefe da quadrilha para, á sombra d'elle, fazerem obra de bandoleirismo, de caciquismo revoltante.

O sr. Botto Machado, que acompanhava o sr. Sebastião de Magalhães Lima, amigo intimo d'este cavalheiro, sem duvida d'accordo com o illustre publicista republicano, ou convencido, pelo menos, de que interpretava o seu pensamento, propoz, ao terminar o banquete, que se enviase um telegramma ao ministro do reino, protestando contra a lei de 13 de fevereiro. O que se passou então, nem se imagina. Appareceram os ciganos, em toda a sua nudez. Ergueram-se de salto, como que impellidos por mola occulta, os frequentadores da *Caverna da Onça, da Cova Funda, ou do Carapuzo Vermelho*. Atroou os ares um clamor rouco de vozes avinhadas, como tinhamos previsto. Viram-se levantadas, e ameaçadoras, as mãos que apedrejaram nas ruas da cidade, em 1900, os amigos pessoas e politicos do actual governador civil, e em 1902 as janellas da casa do actual presidente do municipio, as mãos dos sicarios que o juiz de direito, um dos convivas, então absolveu. E o sr. Sebastião de Magalhães Lima, vexado, humilhado, envergonhado, como lhe tinhamos dicto, deveria ter-se convencido de que não honram, mas deshonram, homenagens de tal ordem.

Sim, sr. Sebastião de Magalhães Lima. Sim, homens illustres do partido republicano, que todos os dias diminuis o vosso merito e prestigio, diminuindo o merito e prestigio da idéa, com réclames deprimentes, com consagrações hypocritas, com falsas ou banaes apotheeses. Sim! Não honram, mas deshonram, homenagens de tal ordem.

Homenagens d'essas rejeitam-se, não se aceitam. Sob pena de um homem ficar enlameado.

A lei de 13 de fevereiro é o maior attentado ao direito, que existe hoje na Europa. Não é uma lei de monarchicos, é uma lei de cannibae. Não é uma lei de gente civilisada, é uma lei de gente barbara. Nenhum d'aquelles homens, se fosse um homem intelligente e culto, se fosse um homem de mediano espirito liberal, deixaria de assignar o telegramma. Porque o não havia de assignar? Por ventura cabe a monarchia pelo facto de cahir a lei odiosissima? Por ventura João Franco é infallivel, como o papa, e o facto dos seus amigos, ou alguns d'elles, não estarem de accordo com um acto, que elle praticou, importa uma offensa á sua pessoa, ou a obrigação de deixarem de ser seus partidarios? Não poderiam elles, se fossem intelligentes, admitir a hypothese, e fugir por essa Tangente, da lei ter sido necessaria em certo momento da nossa vida publica e de não corresponder, já hoje, a uma necessidade que acabou?

Mas o que elles não tinham era,

sequer, mediano espirito liberal. Não eram, sequer, intelligentes. Não eram, nem são, membros d'um partido constitucional. Eram, e são, membros, apenas, d'uma quadrilha, da mais odiosa das quadrilhas organisadas para exploração da pobre patria portugueza.

Nem homens de sociedade. Oh nós bem os conheciamos. A ultima frandulagem, a escoria, ou usem jaqueta, ou usem sobrecasaca. Nós bem dissemos que elles iam ao almoço do theatro como iriam ao almoço d'uma taberna. Podiam negar-se serenamente a assignar o telegramma. Urbanamente, como era devido ao caracter e á qualidade do sr. Botto Machado, hospede do sr. Jayme de Magalhães Lima. Mas berraram, como na *Caverna da Onça*. Injuriaram, como no *Carapuzo Vermelho*. Fizeram d'aquillo uma questão porca, como costumam quando se alteram, e altercam, por causa do jogo da bisca.

Na patria de José Estevão.

Como isto tem descido!

Um homemsinho, Jayme Duarte Silva, o *Mijareta*, tinha dicto, antes, que não havia abandonado principios; que havia abandonado homens. Quaes homens? Sebastião de Magalhães Lima, a cuja apothese se estava associando? Afonso Costa, a quem elle trata por *seu querido amigo*? Bernardino Machado, de quem se confessa *admirador*?

Quaes homens, *Mijareta*? Os que representam os principios republicanos são esses, e outros muitos como esses, esses de quem Jayme Duarte Silva se diz amigo e admirador. O *Mijareta*! Bacharel formado em leis!

Jayme Duarte Silva só encontrou no *Povo de Aveiro*, do qual lêu alguns periodos no banquete, palavras bastante eloquentes para enaltecer o nome do sr. Magalhães Lima. Mas o que Jayme Duarte Silva não viu é que procedia, d'esse modo, á sua exauctoração formal, e á de todos os apostatas, e á de todos os francaceos, que cobriram essa leitura de applausos. *Mijaretus* todos!

Jayme Duarte Silva confessava, implicitamente, a nossa auctoridade. E se a nossa auctoridade era grande para levantar o nome do sr. Magalhães Lima n'esses periodos, era grande para arrastar pelas ruas d'amargura, n'outros periodos, o nome do *Mijareta* e d'outros *Mijaretus* que o applaudiam.

Jayme Duarte Silva, declarando que não abandonara principios mas que abandonara homens, mostrava á assembléa que o amor dos principios é tão grandioso, é tão nobre, que até faz com que os homens que possuem esses principios tenham a grandeza d'alma necessaria, a abnegação precisa, para fazer justiça aos seus proprios inimigos. E Jayme Duarte Silva, depois d'isso, ficava sendo, com a sua declaração, aquillo que nunca deixou, nem deixará de ser: um homem pequenino, um dançarino.

Jayme Duarte Silva, considerando o sr. Magalhães Lima honrado com as nossas palavras, considerava honrado, mais honrado ainda, aquelle que teve grandeza d'animo para as proferir.

Como é o destino! Só do seu inimigo, e devido á sua influencia, o sr. Magalhães Lima encontrou, na terra de seus paes, e n'aquella que, vamos lá, se póde considerar, sem esforço, a sua propria terra, palavras vibrantes, palavras quentes, palavras de verdade, palavras sinceras, traduzindo fielmente a missão do sr. Magalhães Lima na sociedade portugueza!

Não se ouviram n'aquella sala palavras de verdade e palavras de sinceridade, senão as dos republicanos. E nenhuma mais eloquentes que as do inimigo jurado do sr. Magalhães Lima.

Como nós nos vingámos d'elle!

Jayme Duarte Silva, o apostata, não abandonou principios; abandonou homens. E porque abandonou homens, declarou, quando ahí esteve João Franco, em publico e raso, para usarmos a linguagem tabelliõa da familia, que acompanhava Jayme Lima para onde quer

que elle fosse, porque Jayme iria para toda a parte sempre bem. O bacharel formado! O *Mijareta*!

Jayme Duarte Silva não abandonou principios; abandonou homens. E, minutos depois d'essa declaração, corria azafamado a impedir que fosse por deante o nobre intuito do sr. Botto Machado! E concorreu, mais do que ninguém, para que a proposta do sr. Botto Machado não fosse admittida! E d'essa fórma lhe cahiria a mascara da mentira, a mascara hypocrita, se o dançarino não estivesse desmascarado ha muito tempo. O bacharel formado! O *Mijareta*!

Não. Diga-se a verdade toda. O almoço em honra do sr. Magalhães Lima foi uma tremendissima especulação, tal é qual a desenhámos aqui. Foi um fiasco, que os republicanos, como previram, não fizeram senão *atenuar*.

Os republicanos salvaram o nome do sr. Magalhães Lima, que, sem elles, teria sido victima d'um verdadeiro logro.

Sirva d'exemplo a todos. Ao sr. Magalhães Lima, e aos chefes republicanos, para que se convençam de que só honram as consagrações de principios, feitas em nome dos principios, porque só essas são nobres e sinceras. As outras pódem satisfazer a vaidade pessoal. Mas tambem pódem amachuca-la formidavelmente, amachucando, com os homens, os principios que ellas representam. São sempre immoraes, corruptoras, dissolventes. E muitas vezes perigosas para a reputação, e o bom nome, d'aquelles a que se dirigem.

Aos republicanos d'Aveiro para que se convençam de que não ha transigencias possiveis com os farçantes que nem mesmo quando fingem encolher as unhas deixam de as ter sempre promptas para as cravar na liberdade.

E' mais torpe do que os francaceos todo aquelle que, dizendo-se republicano, faz, pela socapa, causa commum com os quadrilheiros infamissimos. A esse corre-lo-hemos a pontapé, á chibatada, a vergalho, porque já não estamos em idade de, por qualquer motivo, transigir com idiotas ou abrandar com trahentes.

Dispensámos côrte e grupelho ha muito tempo. Estaremos com todos que defenderem, ou, passagieramente ou definitivamente, servirem a causa da liberdade. Para esmagar o mais perigoso poderemos acceitar, por instantes, a cooperação dos menos perigosos. Mas se algum tratante imaginou que, por velleidades infantis de formar grupelho, n'esta altura da vida em que vamos; e com o respeito que temos ás nossas tradições, estariamos resolvido a tolerar-lhe as traficancias ou as idiotices, esse tratante redondamente se enganou.

A attitude dos francaceos perante a lei de 13 de fevereiro, no almoço em honra do sr. Magalhães Lima, deverá ter aberto os olhos, definitivamente, a todos quantos sejam, n'esta terra, sinceramente democraticas. Aos que o não forem, e finjam que ficaram com elles fechados, nós nos encarregaremos de lh'os abrir seriamente.

Não se imagine que ficamos a disputar com garotos. D'esse mal já nos curámos. Mas contem sempre conosco nas occasiões apropriadas.

Nós sabemos espera-los, e sabemos escolhe-las.

Iluminação publica

O vereador do pelouro da iluminação publica, requereu na sessão ultima á camara municipal, a fim de que se officiasse á companhia com sede no Porto, para em conformidade com a condição 39.^a do contracto, se constitua um tribunal arbitral para regularização da luz a dar aos candieiros, que tem sido a maior das poucas vergonhas. Parecem mais tochas que acompanham os cadaveres ao cemiterio.

Louvamos toda a attitude que a camara tomar no sentido de melhorar a iluminação publica.

Cartas d'Algures

20 DE JANEIRO.

Tenciono completar o meu estudo sobre o grande problema de que vinha tratando, o problema da mulher nas sociedades actuaes e nas sociedades futuras. Mas como é assumpto que não tem oportunidade, sobre o qual tanto se póde escrever agora como logo, farei hoje algumas referencias a outros assumptos d'ocasião.

Impõe-se como mais recente, se não como mais importante, o da queda do gabinete francez.

Essa queda estava prevista por todos quantos vinham seguindo com interesse a politica franceza. Nos artigos editoriaes publicados pelo *Povo de Aveiro*, quando foi da substituição do general André na pasta da guerra, já o auctor dos artigos, fulminando a imbecilidade de que os republicanos francezes, desde 1870, teem dado provas manifestas, dava como provavel a queda proxima do ministerio Combes. Não se enganou. Cahiu o ministerio francez. E cahiu com estrondo, como é dado a quantos procedem com intelligencia e com honra.

Como n'esses artigos ficou dicto, Combes só por engano foi elevado ao alto cargo de presidente do conselho. Nunca o suppozeram com tanto valor. Porque se tal o suppozessem, a mediocridade republicana da França actual teria tido o natural cuidado de o deixar no ostracismo a que as mediocridades votam sempre os grandes homens.

Uma grande cabeça se tem salientado em França desde a proclamação da Republica. E' Clemenceau. Pois nunca esse homem conseguiu, ao menos, ser ministro. Da mesma fórma, Combes, que se demonstrou, agora, a cabeça mais bem orientada entre os homens que teem entrado no ministerio, não voltará mais a ser presidente do conselho.

Enganam-se, porém, os reaccionarios, se imaginam que da queda de Combes resultará o retrocesso, ou o estacionamento, sequer, da marcha accelerada adquirida ultimamente pelos principios democraticos em França. Não. As idéas seguirão o seu curso. Não tanto por vontade dos homens como pela força das proprias idéas. Não queremos com isto dizer que os homens não exercam, muitas vezes, uma influencia capital. Exercem-na. Mas em certos momentos, não ha maneira de ter mão nos acontecimentos. E é isso mesmo o que succede agora em França.

A influencia dos homens manifesta-se quasi exclusivamente em abrir ou em difficultar o caminho da corrente. Os homens habeis vão dirigindo a corrente pelos caminhos mais curtos e melhores, com o menor desperdicio possivel, como o bom hortelão para fazer chegar a agua de rega aos pés das suas plantas. Os inhabeis levam a corrente por caminhos tortuosos ou perdidos, fazendo-a chegar tarde, enfraquecida, diminuida, ao ponto desejado. Ou então, por má fé, ou ainda por inhabilidade, em vez de lhe abrirem caminho, levantam-lhe ou juntam-lhe na frente, para a impedirem, diques ou obstaculos de toda a ordem. N'estas cir-

cumstancias, ou as aguas, depois de avolumadas, saltam os obstaculos e rebentam os diques, precipitando-se com impeto, ou surge um audacioso, ou bem intencionado, que os rompe.

Ora é este, precisamente, o caso francez. Duzias de imbecis e duzias de tratantes veem, ha trinta annos, não só levando a corrente por caminhos falsos, como juntando-lhe na frente toda a casta de tropeços. Combes cortou o dique. E agora a corrente é impetuosa.

Todos os invejosos, todos os reaccionarios, todos os insignificantes, que moveram a Combes guerra feroz e sem treguas, são obrigados a cruzar os braços, impotentes, ou a ir com a propria corrente.

Conseguiram derribar o homem. O que elles não conseguem, o que não poderão conseguir de fórma nenhuma, é encadear a corrente. E' tarde para isso.

N'essas alturas, a acção dos homens, que póde ter sido antes muito grande e que póde voltar a sê lo depois, mal se faz sentir.

A pedra está lançada. E lançou-a Combes. Tem essa gloria. Ninguém poderá apanha-la no ar.

Os traidores, os invejosos, os inhabeis hão de seguir fatalmente o caminho traçado. Nenhum ministerio francez se aguentará sem adoptar a politica do ministerio que acaba de cair. Isto é evidente, para todo o mundo que vê com alguma clareza os acontecimentos politicos que se veem desenrolando em França. E se é consolador para os amigos da democracia, não deixa de ser triste, contudo, o espectáculo da incapacidade que os homens da 3.^a republica franceza teem offerecido ao mundo. Como estão longe dos grandes homens da Revolução!

Foram as delações, grita-se, que deitaram abaixo o ministerio. Mas o que é deploravel é que só vissem essas delações contra os reaccionarios e que nunca as vissem contra os republicanos. D'essa imbecilidade, ou d'essa traição, não se livram os parlamentares que dizem defender a Republica.

Commettiam-se as maiores infamias contra os officiaes do exercito republicano ou livres pensadores. Em plena republica! Havia espionagem para denunciar aos altos commandos os officiaes n'essas condições. Nunca os parlamentares, em plena republica, se commoveram com isso. Como é que só se commovem quando a espionagem ou delação é feita a favor da republica, em vez de ser feita contra ella?

Este é o caso, posto com nitidez e verdade. E deante d'elle os verdadeiros democraticas, e todos os homens que queiram examinar os factos conscienciosamente, teem de concluir que ou na camara franceza abundam os traidores ou abundam os imbecis.

A. B.

Musica no Jardim

O programma que a banda de infantaria 24 executa hoje no jardim publico, da 1 ás 3 da tarde, é o seguinte:

Marcha. Musica Classica. (Chapi). «Vesperas Sicilianas» (Verdi). «Il Pagliacci». (Leoncavallo). «Roses Blanches». (Benjamin). «Salutaris Ostia». (Moraes). Passe Calle.

EPHEMERIDES DEMOCRATICAS

16 de janeiro.—Morre Fox, fundador da seita dos Quakers, 1690. Jorge Fox começou por ser pastor. O isolamento do seu mester provocou-lhe tendências para a meditação. Abandonando a vida de pastor começou a percorrer a Inglaterra, combatendo os abusos e os vícios da igreja anglicana.

Declarando prejudiciais as manifestações de culto externo, as ceremonias adoptadas nas igrejas desde tempo immemoriaes, rejeitando os sacramentos, as predicas pomposas, os cantos sagrados, Fox começou a propagar as suas doutrinas em Manchester, onde logo encontrou adeptos. Preso e conduzido a Londres, Cromwell mandou-o soltar como inoffensivo. Fox começou então a evangelizar em Londres.

Do advento de Carlos II resultou a perseguição dos quakers. Fox sentiu reanimar-se-lhe o entusiasmo e percorreu todo o reino em activa propaganda. Com a revolução de 1688 pôde a seita organizar-se regularmente. Fox partiu então para a America, onde as suas idéas encontraram um grande echo. Regressando á Europa ainda fez uma viagem de propaganda á Hollanda.

Fox teve por continuadores illustres Guilherme Penn, Roberto Barclay, Samuel Fisher, e outros. A seita dos quakers, muito espalhada na Inglaterra e nos Estados Unidos, é uma seita democratica. Rejeita toda a ingerencia da auctoridade civil nas crenças religiosas, toda a hierarchia ecclesiastica, todos os juramentos religiosos, que quer substituidos por uma simples affirmação ou negação. Os quakers são defensores intransigentes do respeito devido á vida humana, e, por isso, adversarios declarados da guerra, do duello e da pena de morte. São de vida austera, partidarios da egualdade, tendo trabalhado ardentemente a favor da liberdade dos pretos. Em 1751 a seita decidiu não admittir no seu gremio quem tivesse escravos. A sua influencia é grande na raça anglosaxonia e cresce cada vez mais.

17 de janeiro.—Morre Vernet, 1863.

Horacio Vernet, celebre pintor francez, glorificou na tela as campanhas da Revolução. Por este motivo foram os seus trabalhos rejeitados no Salon algumas vezes.

18 de janeiro.—Morre em Santarem Passos Manuel, 1862.

Manuel da Silva Passos foi um dos vultos mais notaveis da revolução liberal, um dos nossos maiores estadistas, um dos nossos maiores oradores, e um dos poucos que amaram sinceramente a patria e a liberdade. Nasceu em Bouças, junto do Porto, em 5 de janeiro de 1801, filho de Manuel da Silva Passos e de Anna Margarida Soares, lavradores pouco abastados, mas com alguns bens de fortuna. Veio, pois, do povo, como quasi todos aquellos que teem illustrado e honrado a humanidade.

Matriculou-se na Universidade de Coimbra com seu irmão, José da Silva Passos, na faculdade de direito, em 1817. «Republicano do lyceu, escreve Rebello da Silva, como todos os interpretes de Cornelio Nepote, transportava-se em idéa á agen de Athenas, ou ao foro romano, tomava partido por Pericles contra os seus accusadores, por Cicero contra Catilina, chorava com o virtuoso Catão em Utica a derrota de Pompeu, e não menos commovido deplorava a morte sublime do Thebano Epaninondas.»

Estavam em Coimbra os dois irmãos quando rebentou a revolução de 1820. Receberam-n'a, como se pôde calcular, com o maior enthusiasmo.

Em 1828 emigraram.

Não tomaram parte activa na campanha militar, regressando a Portugal em 1833. Em 1834 eram ambos eleitos deputados e Manuel Passos começou a ser tratado, para o distinguirmos de seu irmão, por Passos Manuel.

Passos Manuel estreou-se na camara dos deputados na questão da regencia, impondo-se logo como orador de primeira ordem.

Foi o principal auctor da revolução de setembro, que impoz á rainha a constituição de 1822, contra a qual

D. Maria II conspirou constantemente, realisando dois mezes depois a traição que ficou com o nome de *Belenzada*, e em que Passos Manuel, obrigando a rainha a recuar, deu provas de notavel energia e grandeza de caracter. Nessa dictadura, que durou desde a revolução de setembro, prestou Passos Manuel relevantes serviços á instrucção publica, fundando a Academia Polytechnica do Porto, a Escola Polytechnica de Lisboa, a Academia Polytechnica de Bellas Artes, o Conservatorio de Lisboa, a Academia de Bellas Artes de Lisboa, a Casa Pia d'Evora, o Asylo Rural Militar, o Conservatorio portuense de artes e officios, a Escola do Exercito, emfim, a maior parte d'aquillo que ainda hoje possuímos. Ao mesmo tempo deu novos regulamentos ás escolas medicas de Lisboa e Porto. Bastariam esses serviços para tornar venerado o seu nome.

Passos Manuel deixou de ser ministro em 10 de maio de 1837. E nunca mais esse espirito brillantissimo, grande intelligencia e grande caracter, voltou a ser ministro. O que é Portugal!

Depois d'isso Passos Manuel, desalentado, passou a abster-se notavelmente da politica, entregando-se quasi completamente a explorações agricolas, vindo a morrer, aos 61 annos de idade, n'um retrahimento absoluto.

E' o destino de todos os grandes homens d'este paiz. Ou morrem esquecidos ou morrem perseguidos.

Oliveira Martins dedica-lhe uma parte do seu *Portugal Contemporaneo*, de pag. 58 a 120.

Abrem-se as constituintes portuquezas, 1837. A guarda nacional de Paris excede em valor a tropa de linha, nos combates contra os prussianos, 1871.

19 de janeiro.—Revolução na Sicilia, 1848. São declaradas rebeldes algumas provincias do Brazil e privadas de representação nas cortes de Lisboa, por desobediencia ás leis e constituição portuqueza, 1821.

20 de janeiro.—Abrem-se em França as primeiras escolas de surdos-mudos, 1796. E' assassinado Lepelletier, que propozera na Convenção a abolição da pena de morte e a completa liberdade d'imprensa, 1794.

21 de janeiro.—E' guillotinado Luiz XVI, 1793.

Luiz XVI succedeu a seu avô Luiz XV, em 1774.

Seria impossivel seguir aqui circumstanciadamente todo esse grande periodo da Revolução, que vai desde o reinado de Luiz XV até ao advento de Bonaparte. Seria impossivel, mesmo, seguir os acontecimentos do periodo propriamente revolucionario, ou mesmo os que se deram desde 1789 até á morte de Luiz XVI. Nem resumimos, quanto mais segui-los. Os leitores do *Povo de Aveiro*, contudo, teem já, por muitas das nossas referencias, quer n'estas ephemerides, quer em varios artigos d'este periodico, conhecimentos especiaes do assumpto para poderem dispensar bastantes nuances. Conhecimentos que nós iremos completando com informações successivas.

Falamos, é claro, dos leitores menos cultos.

Trataremos, pois, agora, apenas do julgamento e morte do rei de França.

Luiz XVI foi preso no dia 10 de agosto de 1792, ou, antes, foi elle proprio que se pôz á disposição da *Assemblée*, com toda a sua familia, quando o povo de Paris, revoltado, atacou á viva força as Tulherias. No dia 13 foi conduzido ao palacio do *Templo*, cercado d'altas muralhas, que ficou sendo a prisão do rei e de toda a familia real. Ahi se conservou, emquanto cá fóra se davam as matanças de setembro e outros actos terriveis da grande tragedia revolucionaria.

No dia 21 de setembro reuniu-se pela primeira vez a *Convenção*, e n'esse mesmo dia declarou, por unanimidade, abolida a realza em França.

No dia immediato, 22 de setembro, proclamou a Republica.

No dia 13 de novembro começou a discutir se Luiz XVI deveria ser julgado, resolvendo poucos dias depois

afirmativamente. O rei foi accusado do crime de conspirar contra a patria e contra a liberdade, accusação, deve-se dizer, profundamente verdadeira.

No principio de dezembro foi o rei, que tinha sido tratado no *Templo* com brandura, chamado pela primeira vez á barra da Convenção. A sua attitude não foi nem altiva nem humilde. Respondeu sempre, porem, com evasivas, ás perguntas que lhe fez o presidente. Pediu que lhe concedessem defensores, pedido que a *Convenção* desde logo deferiu. Malesherbes offereceu-se para o defender e o rei aceitou. Mas teve, ao todo, tres defensores. A Malesherbes juntou-se Tronchet e Seze.

Foi chamado segunda vez á barra em 26 de dezembro. Compareceu acompanhado pelos seus tres defensores, pelo maire de Paris e pelo commandante da Guarda Nacional. Limitou n'esse dia a sua defeza a este ponto: ou estava coberto pela constituição que havia jurado, e então era inviolavel, ou se não era inviolavel tinha direito a todas as garantias de que gosavam os outros cidadãos e não podia ser julgado pela *Convenção*.

O julgamento continuou nos dias immediatos.

Eis os quesitos submettidos á *Convenção*: Luiz Capeto é culpado de haver conspirado contra a liberdade? Deve ser julgado definitivamente pela *Convenção* ou pôde appellar d'esse julgamento para o povo? Se é culpado, qual é o castigo que merece?

Por unanimidade, a *Convenção* declarou-o culpado. Por maioria, regeita o appello ao povo. Por maioria, condemna-o á morte.

Vergniaud, o presidente, levanta-se e exclama com voz triste: «Declaro, em nome da *Convenção*, que foi pronunciada a pena de morte contra Luiz Capeto.»

O velho Malesherbes chora como uma criança. Os soluços e as lagrimas impedem-no de qualquer defeza calorosa. Pede que lhe reservem a palavra para o dia seguinte, a fim de demonstrar que houve um erro de forma. Era em 16 de janeiro.

Luiz XVI recebeu a noticia da condemnação com grande serenidade. Os revolucionarios, pasmados, exclamavam: «Foi preciso condemna-lo á morte para que fosse um homem!»

Pediu um padre. A *Convenção* mandou-lh'o dar immediatamente. Pediu para ver sua mulher e seus filhos pela ultima vez. A *Convenção* auctorisou. O que seria essa scena dilacerante, facil é de imaginar!

Quando no dia seguinte o foram buscar para o cadafalso, perguntaram-lhe se queria ver seus filhos outra vez. Respondeu que não. O desgraçado, profundamente ferido no que tinha de mais intimo, já não possuia coragem para mais.

Erão 9 horas da manhã do dia 21. Chega Santerre, que diz: «Deu a hora!» Luiz XVI pede que lhe concedam ainda tres minutos e que o deixem só. Concedidos. Passados elles Santerre volta: «Chegou o momento!» «Vamos», responde o rei.

Rufam os tambores atravez dos bastiões e das fortificações do *Templo*. Dão o alarme a Maria Antonieta que, vivia d'um rei d'ahi a instantes, chora amargamente. As crianças, que não sabem bem o que se passa mas que teem o instincto d'uma grande desgraça, choram tambem afflictivamente. Algumas mulheres estendem os braços pedindo perdão. Mas poucas. Todas as janellas, todas as lojas estão fechadas.

Luiz vai no carro dos condemnados lendo as orações da agonía.

Dez horas. O cortejo fúnebre chega á Praça da Revolução. Lá está a guillotina! Multidão compacta. Philippe d'Orléans, que tambem votara a pena de morte, passa de carruagem!

Luiz XVI sobe as escadas do cadafalso. E quer falar. Francezes... diz ainda. Cem tambores, rufando, abafam-lhe a voz. «Estou innocente. Perdo-o aos meus inimigos. Desejo que a França...» Não se ouve mais. Os tambores rufam de novo. Sausão, o carrasco—que era realista—ergue no ar uma cabeça. E então de milhares e milhares de bocas sahe um grito immenso, como o tronar de cem canhões: «*Viva a Republica!*»

Como é perigoso excitar a colera popular! Como a vingança do povo é terrivel!

22 de janeiro.—A Hollanda revolucionou-se pela Republica, 1798. Fuzilamento de Lapin, 1871. Enorme agitação em Paris em consequencia de Lafayette mandar prender Morat, que defendia valorosamente a liberdade de imprensa.

Bernardino Machado

Levantou-se na Universidade de Coimbra um conflicto á propósito ainda da oração de sapientia recitada pelo sr. dr. Bernardino Machado. Essa oração foi publicada no *Anuario* d'aquelle estabelecimento scientifico com umas observações que importam uma offensa ao levantado brio do sr. Bernardino Machado e um attentado á independencia dos professores da Universidade.

O sr. Bernardino Machado protestou, e muito bem.

Ora eis uma occasião excellentemente para todos os democratas se collocarem ao lado do illustre professor, enaltecendo-lhe o talento e o caracter.

Quando as occasiões se offerecem é que é aproveitadas-las.

Capitão Leitão

Depois de composto o artigo que vai n'outro logar, e de já estar impressa a 1.^a pagina, chegamos ás mãos *O Norte e O Mundo*. *O Norte* diz pouco sobre a morte do capitão Leitão, mas diz alguma coisa. *O Mundo*, que enche columnas a fazer réclames ao sr. general Baracho, e que não publica um numero, pôde-se dizer, sem termos elogiosos ao sr. Bernardino Machado, que é uma pessoa muito respeitavel mas que ainda hontem se alistou no partido republicano, pelo qual ainda não teve occasião de lutar e de soffrer, publica sobre a morte do capitão Leitão uma noticia mais insignificante do que a ultima das noticias funebres que dedica ao ultimo dos seus apanguados. Mas amanhã vai dedicar um numero especial, como costuma, ao anniversario do 31 de janeiro!

Fazemos a todos os republicanos portuquezes a justiça de suppor que a sua indignação será legitima contra a iniquidade que representa o procedimento do *Mundo*, é contra todos os orgãos do partido republicano que commettam iniquidades semelhantes, ou que hajam tido, porventura, procedimento igual sobre a morte do desditoso capitão Leitão.

BRINDE

Publicamos a seguir o brinde feito no almoço de segunda-feira pelo-nosso correligionario Arnaldo Ribeiro:

Presto homenagem ás qualidades pessoais do sr. dr. Magalhães Lima e saúdo n'elle um honrado filho adoptivo d'esta terra. Devo, porém, dizer que não são essas qualidades que me trazem aqui, nem a outros que se sentam a esta mesa. As virtudes d'um homem, quando de caracter meramente individual, são apenas motivo para que, na passagem, sejamos os primeiros a tirar o chapéu, cumprimentando-o respeitosamente. Não são motivo para uma consagração publica, para uma consagração de caracter nacional como a que, ultimamente, vem sendo prestada ao sr. dr. Magalhães Lima. Essa consagração é devida, não ás virtudes pessoais mas ás virtudes civicas. Não ao talento individual, que pôde ser d'um ou d'outro, mas ao talento posto ao serviço d'uma idéa, ao serviço da patria, ao serviço da humanidade.

E' isso que eu consagro no sr. dr. Magalhães Lima. E' isso que me traz aqui, para saudar na sua pessoa o espirito democratico, isto é, o espirito de liberdade, de tolerancia, de progresso, de redempção humana, que o sr. dr. Magalhães Lima tem defendido e servido com natural lealdade e constancia, com natural abnegação, sem nenhum acto d'apostasia indizida, sem provas de covardia ou de fraqueza.

Digamos a verdade que já José Estevão affirmava que a lingua dos homens só serve para elles exprimirem os seus sentimentos e as suas convicções. Digamos a verdade! eu sentir-me-hia indigno de mim se viesse aqui simplesmente porque o sr. dr. Magalhães Lima é um homem fallado nos jornaes, nas conferencias, nos banquetes, na tribuna, por qualquer forma de expressão da palavra fallada ou da palavra escripta. Porque, sendo ou dizendo-se filho de Aveiro, faz

ruido em volta do nome da terra em que eu nasci.

Miseria vaidade que só serviria para me apontar aos meus proprios olhos como uma creatura desprezivel, sem nenhum dos requesitos necessarios para a qualidade civica de que me orgulho, a nobre e alta qualidade de cidadão. Eu venho aqui, porque o sr. dr. Magalhães Lima, sobre as coisas publicas, sento como eu sinto, pensa como eu penso. Eu venho aqui porque o sr. dr. Magalhães Lima é um paladino da causa social e politica de que eu sou, soldado obscuro sim, mas soldado consciente, corajoso e convicto. D'outra forma, o meu logar não era aqui. Eu viria aqui offender os meus principios e o meu caracter, offendendo os principios e o caracter do sr. Magalhães Lima.

Porque, senhores, o sr. dr. Magalhães Lima não é um sabio como Pasteur, um philosopho como Conte, um historiador como Alexandre Hercolano, um romancista como Gamillo ou Eça de Queiroz em volta dos quaes se podem juntar simplesmente os patriotas, ou os admiradores das bellas lettras. O sr. dr. Magalhães Lima é um eloquentissimo tribuno da plebe, é um talentoso e audacioso publicista das reivindicções populares. Não ha nada de abstracto na sua personalidade publica. Tudo n'elle se concretisa n'um fim, a rehabilitação do genero humano, e d'esta patria em especial, por meio da democracia, e por meio da democracia na sua forma mais pura, mais pratica e mais racional, que é a forma republicana.

Por conseguinte, sem a menor incoherencia, incongruencia ou contradicção, que me envergonhe e envergonhe o sr. dr. Magalhães Lima, repellindo toda a hypocrisia incompativel com todo o homem que se prese, sobretudo se esse homem é republicano, pondo de parte toda e qualquer transigencia indecorosa com pessoas ruins, especulações inconfessaveis ou convencões estupidas, antes fulminando-as onde quer que ellas se encontrem, em meu nome, e certo de que interpreto n'este instante os verdadeiros sentimentos de todos os republicanos d'Aveiro, dignos d'esse nome, e os dos republicanos de todo o paiz, na patria de Magalhães Lima; a patria que deu o sangue a José Estevão, a Eça de Queiroz a tantos homens de verdadeiro talento, eu levanto a minha taça em honra do representante do livre pensamento, do inimigo da intolerancia ferroz da igreja, da reacção religiosa e politica, de todas as tyrannias e de todos os tyrannos, em honra do amigo do povo, do caudillo generoso de todas as liberdades, do republicano insigne que desde os bancos da Universidade, desde a hora em que era um crime moral, porque crime legal ainda hoje o é, fallar em republica, vem dando um alto exemplo de patriotismo, d'abnegação, d'amor entranhado aos seus principios que tem defendido com a mais nobre, a mais corajosa, a mais honesta fidelidade, n'este paiz em que tantos fragueiros, tantos se vendem, tantos se corrompem, n'este paiz em que a apostasia chega a ser proclamada uma virtude.

Á saude de Magalhães Lima!

O sr. Elysió Feio tambem usou da palavra, brindando o sr. Magalhães Lima em nome da Commissão Municipal Republicana de Aveiro, de que é presidente, sendo muito applaudido.

medico e cirurgião pela Escola Medica da Universidade de Porto

José Maria Soares

CLINICA GERAL

Consultas todos os dias das 10 h. em diante

Chamadas a qualquer hora

R. dos Mercadores — AVEIRO

LOJA

ALUGA-SE uma no ponto mais central da cidade, propria para estabelecimento de modas ou mercancia, contendo já a respectiva armazém envidraçada.

Trata-se com o seu proprietario Luiz Henriques.

JOAQUIM Ferreira Martins, (o Gafanhão), vem pedir aos seus illustres freguezes, e ao publico em geral, que não se esqueçam de fazer as suas encomendas dos bons gabões feitos n'este estabelecimento, tanto no bom acabamento do trabalho como em fazendas.

Em preços ninguem os faz mais baratos em Aveiro.

METHODO JOÃO DE DEUS

LEITURA

- Primeira parte—Cartilha Maternal ou Arte de Leitura*—16.^a ed., cart. 300 réis, broch. 200
Album, ou livro contendo as lições da *Cartilha Maternal* em ponto grande 55000
Quadros Parietaes, ou as mesmas lições em trinta e cinco cartões. 65000
Segunda parte—Os Deveres dos Filhos—16.^a ed., cart., 300 réis, broch. 200
Guia prático e theorico da Cartilha Maternal—1 vol. de 170 pag., compilado por João de Deus Ramos..... 160

ESCRIPTA

Arte de Escripção—(2.^a ed., melhorada), 9 cadernos com algumas explicações práticas, cada. 30

Livros de polémica sobre o Método

- A Cartilha Maternal e o Apostolado**..... 500
A Cartilha Maternal e a Crítica..... 500
 Do mesmo auctor:

LITTERATURA

- Campo de Flores**—Poesias prefaciadas e coordenadas por Theophilo Braga, 3.^a ed. 700
Prosas—Coordenadas por Theophilo Braga 800

DEPOSITO GERAL

Largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.^o—LISBOA

As livrarias, municipios, institutos de ensino, etc., que requisitarem no Deposito geral das obras escolares de João de Deus mais de 20 exemplares, terão a seu favor o desconto de 20 por cento; 500 exemplares (podendo ser 250 da Cartilha e 250 dos Deveres, ou em porções designaes d'estes livros), 25 por cento; assim como de 1 a 9 collecções de Quadros Parietaes, ou de Albus, 20 por cento; 10 collecções, 25 por cento.

A EXPOSIÇÃO ORAL DO METHODO faz-se em cursos mensaes (gratuitos) na casa da viuva de João de Deus, rua João de Deus, 13, 1.^o (á Estrella), onde poderá inscrever o seu nome quem deseje conhecer com exactidão a Cartilha Maternal, ou a Arte de Escripção.

A VENDA EM QUASI TODAS AS LIVRARIAS

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

—DE—

Albino Pinto de Miranda

(LARGO DE MANUEL MARIA)

AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Sortido completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e estrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chourissos do Alemtejo e banha da terra. *Chumbo, cartuchos e mais petrechos para caça*, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc, etc, etc.

Pechinchas para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A 450 E 360 REIS A DUZIA, e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

É mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas tem alcançado em todas as exposições.

A VEIRO

RU DE JOSÉ ESTEVÃO—79

ACABA DE SAHIR:

PÃO NOSSO

ou

Leituras Elementares ou Encyclopedicas

por TRINDADE COELHO

Um vol. de mais de 500 paginas, adornado de innumerables e admiraveis estampas, em optimo papel, contendo noções elementares sobre variados ramos de conhecimento, e o resumo de todas as disciplinas que se estudam na escola primaria. É o livro *post-escolar* por excellencia, indispensavel a todos, por ser formado d'aquella serie de conhecimentos, que é imperdoavel—vergonhoso até!—não possuir.

Preço, brochado 500 réis, cartonado 600 réis.

LIVRARIA AILLAUD

Rua do Ouro, 242, 1.^o—LISBOA.

E em todas as livrarias.

BAGAÇOS ALIMENTAES

VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os melhores bagaços para alimentação de todos os animaes.

PADARIA FERREIRA & MACEDO AOS ARCOS A VEIRO

N'ESTE estabelecimento de padaria, especial no seu genero em pão de todas as qualidades, se encontra á venda:

Pão proprio para os diabeticos, pão torrado e ralado, café de 1.^a qualidade, a 70 réis cada kilo; dito de 2.^a, a 480; chá, desde 13600 a 33600 o kilo; massas alimenticias de 1.^a qualidade, a 140 o kilo; ditas de 2.^a, a 120; velas marca *Sol*, cada pacote, a 180; ditas marca *Nazio*, a 170; bolachas e biscoitos, pelos preços das principaes fabricas da capital.

Vinhos finos e de meza, por preços modicos.

Todos estes generos se mandam a casa do consumidor á hora que o exigir.

José Monteiro Telles dos Santos J.
DENTISTA MECANICO
 Coloca dentes e dentaduras artificiaes. Conserta qualquer dentadura partida, ou a que falte qualquer dente; obtura a ouro, prata, platinã, e a cemento, tudo por preços baratos. Não se recebe qualquer quantia ficando o trabalho imperfeito.
 RUA DA COSTEIRA
 (Em frente da Estátua de JOSE ESTEVAM)

Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa.

Esta empresa previne os criadores de que recebe gado para açougue nas epochas proprias pelos preços que constam do seu contracto.

Venda de productos do matadouro de Lisboa, sangue secco e pulverisado para adubos (o mais rico em azote), couros, sebo, e tripa a 200 réis o masso.

Rua da Boa Vista, 3 Lisboa

EMPREZA CERAMICA

DA

FONTE NOVA

DE

Mello Guimarães & Irmãos

A VEIRO

FABRICA a vapor de telha do systema de Marselha, feita pelos processos mais modernos e aperfeiçoados.

Encontra-se á venda n'esta fabrica grande quantidade de telha franceza e seus accessorios, e bem assim outros artigos para construcções, taes como: azulejos para revestimento de paredes de variados gostos, vasos para frontarias, siphões, balaustres, manilhas, etc., productos que rivalisam com os das principaes fabricas congeneres do paiz.

Tejolos de varias dimensões.

PREÇOS MODICOS

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

SANGALHOS

VENDEM e trocam relógios de bolso e de salla. Correntes e medalhas de prata.

Machinas de costura «PFAFF», White e outros auctores.

Bicycletas «BRISTOL», «TRIUMPH», «OSMOND», «GUITYNER» e outros auctores.

Completo sortido de accessorios, tanto para machinas de costura como para bicycletas.

Officina para qualquer reparação.

Alugam-se bicycletas

José Maria Simões & Filhos

ANADIA—SANGALHOS

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

E FERRAGENS

—DE—

ANTONIO FERREIRA FELIX, Filhos (Successores)

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, cliaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, rede para vedações, alvaiades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS
 RUA DIREITA N.º 43 a 45—AVEIRO